

Notícias de Guimarães

Ano 16.º N.º 819
GUIMARÃES, 12 de Outubro - 1947
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

OS MEUS CADERNOS

BERLIOZ

Raras vezes se encontra um génio que tanto tenha sofrido. É certo que o sofrimento tem sido através dos séculos a escada que conduz à glória. E talvez porque Berlioz sofreu muito é que o seu talento de artista venceu os azares da vida, vingou com todo o esplendor, apesar das rivalidades e das críticas. Não tinha esperanças; e nada acreditava; não o seduziam ilusões. O que poderia ambicionar da vida?

É ele que o diz: «Je suis dans ma soixante et unième année, je n'ai plus ni espoirs, ni illusions, ni vastes pensées, je suis seul, mon mépris pour l'imbecilité et l'improbité des hommes, ma haine pour leur atroce férocité, sont à leur comble, et à toute heure, je dis à la mort: "Quand tu voudras!", "Qu'attend-elle donc?"

Quando um homem espera encontrar na morte a solução para todos os problemas da vida e o fim para todos os desejos irrealizados e a pede com insistência e a deseja ardentemente, não há nada que o seduza, nada que o prenda. Vive por viver, trabalha porque tem de trabalhar. Não o instiga a glória nem a esperança o desperta do tédio intolerável.

Berlioz viveu neste inferno. Wagner, que podemos considerar seu rival, escrevendo em 5 de Julho de 1855 a Liszt, confessava: «Chacun reconnut tout à coup dans l'autre un compagnon d'infortune, et je me trouvais plus heureux que Berlioz.» Sim! Berlioz foi mais infeliz do que Wagner. Poucos músicos sentiram com tanta intensidade a sua dor. Os seus passeios favoritos, especialmente quando chovia, eram para o cemitério de Montmartre. Paris foi sempre para ele um cemitério.

Com um espírito assim, solteiro de carinhos e de alegrias, tudo na vida é pesado, triste, ou revoltoso. As suas composições refletem o estado da sua alma. Desde a juventude à velhice, seja em «Symphonie fantastique», seja em «Les Troyens», toda a sua música fala, no inegável colóquio das harmonias e dos sons, da tortura da vida. Triste e lúgubre, quando o gusano da melancolia lhe rói a vontade e as aspirações mais belas; forte e arrojada, impetuosa e dominadora, quando uma onda de revolta o impele com ardor; vigorosa e ardente, quando segue uma ideia fixa — a música de Berlioz é das mais belas não só da França, sua pátria, mas de todo o mundo. Toda impregnada da nostalgia do só, enquanto que na sua alma existia um mundo de sentimentos, ela impõe-se precisamente por isso. Tem originalidade, tem vida, tem segredos, tem génio — tudo certamente adquirido à custa de muito sofrimento e de muitas lutas.

Reinava Wagner e toda a música alemã. Apesar disso, Berlioz insurgiu-se contra o que ele chama a «teoria ímpia do Gluck» e «o crime de Wagner», que consistiam na sujeição da música à poesia. Proclamava a música livre, sem peias, vivendo por si, regendo-se por si. Em 12 de Agosto de 1856, escrevia à princesa de Wittgenstein: «Eu sou pela música livre. Sim, livre e firme, soberana e conquistadora, quero que ela tome tudo, que assimile tudo, que não haja mais para ela nem Alpes nem Pireneus; mas, para as suas conquistas, é preciso que combata em pessoa e não pelos seus lugares-tenentes. Desejo muito que tenha, se for possível, bons versos próprios para a batalha; mas é preciso que ela própria vá para o fogo como Napoleão, que tome o comando da falange como Alexandre. É tão poderosa que, em muitos casos, vencerá por si só; e como ela tem mil vezes o direito de dizer com Médée: "Sómente eu e é o bastante!"

Em Berlioz, pois, a poesia sujeita-se à música e não a música à poesia. A música tem todos os predicados para se fazer compreender. É a poesia máxima. Fala melhor e mais convincentemente do que a poesia. A palavra é sempre restrita. Há sentimentos que não se exprimem. A música é livre, nasce do coração e dos sentimentos e exprime em sons aquilo que não se pode dizer em palavras.

De resto, antes de Berlioz, já Mozart tinha dito na carta de 13 de Outubro de 1781 a seu pai: «La musique doit régner en souveraine et faire oublier tout le reste... Dans un opéra, il faut absolument que la poésie soit la fille obéissante de la musique.»

Assim, a música de Berlioz arrebatada, coadunada às massas populares, empolga o espírito e excita o entusiasmo. Ele canta com amor e ensina a cantar a Marchesa ao povo, «a to-

do aquele que tem uma voz, um coração e sangue nas veias... É esta também uma das grandes originalidades de Berlioz: Fazer música impulsiva que convinha às jovens democracias, música que enchia a alma e arrastava a mocidade, sedenta de esperanças.

Diz o seu grande admirador Romain Rolland: «Ele abriu à arte magníficos caminhos. Mostrou à música da França a verdadeira directriz onde devia revelar-se o seu génio; indicou-lhe os seus destinos, desconhecidos até então. Deu-nos uma linguagem de uma verdade psicológica e de uma leveza admiráveis, uma música livre, isenta das tradições estrangeiras, saída do fundo da nossa raça, modelada sobre o espírito francês, respondendo à sua imaginação precisa, ao seu instinto pitoresco, à sua mobilidade de impressões, à sua necessidade extrema de "nuances." E lançou as bases grandiosas de uma música nacional e popular para a maior democracia da Europa.»

Em Berlioz há, na verdade, toda a pujança de um espírito privilegiado, que aquece as almas e desfaz tibiézas. Em música, é um dos expoentes máximos do vigor e excelência do sangue latino.

Ferreira Torres.

COCKTAIL DE MODA

De AURORA JARDIM.

O que aí vem

Antes de outras coisas: a saia mais comprida. Não há nada a fazer! Assim como aquele ciclone que se foi aproximando, aproximando da Florida... também a saia mais comprida, apesar da belicosa ofensiva de milhões de americanas que têm pernas bonitas — é um facto. A saia desce. Quase todos os costureiros franceses o preconizam. E dão-nos mais alguns detalhes, nas suas reduzidas mas elegantes colecções.

MOLYNEUX — Ancas largas, cinta fina; às vezes, um *pli religieuse* ainda mais acentua a linha *tonneau*.

LUCIEN LELONG — Bolero em fato azul escuro guardado a *beige* e a branco. Cores dominantes: preto, fogo e fumo.

BRUYÈRE — Influência da Escola de Bruges e dos *primitifs flamands*. Cintura fina, opulen-

tas ancas e até um bocadinho de outra coisa a que chama: «derrière de Paris». Tonalidades: gris líquen, verdes, ferrugem e mel.

PIERRE BALMAIN — Duas linhas para dia: a *eloche* larga em baixo e o *sifflet* largo em cima e estreito na orla da saia. A roda é deitada para trás, nas suas mais recentes criações: *Lavandière* e *Montespain*.

Perfumes

No outono, o perfume perdura mais do que no verão. Simplesmente, porque a lã conserva mais a essência do que a seda.

Conta-se que, no palácio de Lauzun, no século XVIII, as tapeçarias das paredes estavam de tal forma impregnadas pelos galantes aromas da época — almiscar e ânetar — que, para os expulsar, fizeram lá entrar e percorrer todas as salas, um rebanho de carneiros. Prosaico... mas eficiente.

Também a pele feminina fixa melhor ou pior o perfume. Por isso os criadores os fabricam para morenas, ruivas, loiras, castanhas *and so on...*

Os marcantes deste ano são: *Coeur-Jolie*, de Nina Ricci. *Projet*, de Wort. *Mousseline*, de Marcel Rochas. *Vent vert*, de Pierre Balmain. *Goya*, de Paquin.

A EXIBIÇÃO DO FILME

«Guimarães... alma duma cidade,,

A convite do respectivo realizador, Sr. Mário V. Coelho, da *Cinerádio, Lda*, de Lisboa, foi-nos proporcionado o grato prazer de assistir à exibição do seu documentário «Guimarães... alma duma cidade», que, no pretérito sábado, se realizou, no Teatro Jordão, para os convidados de honra e a que se dignou presidir o ilustre Chefe do Distrito, Senhor Major Nery Teixeira.

Dizer das boas impressões deixadas por esta apresentação ou, ainda, realçar o valor deste *film* que, sem dúvida, é o primeiro documentário português gravado com som directo, o mesmo será que tecer um hino de louvores ao decidido esforço de todos quantos auxiliaram o Sr. Mário Coelho nos seus bem intencionados propósitos e, outrossim, comungar em toda a formosura os encantos da nossa terra natal.

É que, na verdade, o documentário do Sr. Mário Coelho é um achado de concepção e de realização.

Tem merecimento e mantém regular equilíbrio nas partes em que o queiramos subdividir.

Revela-se nos valiosos pela nitidez da fotografia como se consagra pela sua originalidade de consciente propaganda feita à terra-mater de Portugal.

Há beleza de paisagem, austeridade arquitectónica, rumorejos de vida intensa e laboriosa, recato de tradições, notas históricas, vivacidade de ritmo, iluminuras de bizarra alegria, orgulho de inabalável fé e, finalmente, o transparente sorriso dum povo ordeiro e sonhador que, em horas de comprovada angústia, se tem mostrado sempre o exemplo vivo duma raça e o legatário fiel de toda a sua história.

Mas, não poderá dizer-se que o presente documentário seja só merecedor dos bons elogios da crítica ou o incensamos ao ponto de classificá-lo como «obra completa e perfeita».

Não e não.

O *film*, ainda que agradável e bem sonorizado, enferma daquele velho mal que é crasso erro das iniciativas portuguesas: — a exiguidade de colaboração emprestada aos realizadores e a incontestante falta de amor *baïrista*.

Notam-se falhas grandes como se registam omissões que não têm qualquer desculpa.

A boa-vontade do artista que idealiza e concebe, continua a contrapor-se a revelha rotineira de «a arte é uma ânsia de perfeição que só interessa aos espíritos inquietos» e que, na seriedade da sua função, não vale senão para acumular conhecimentos de graça, beleza e ternura.

O artista deseja-se e consome-se. Arde no fogo da sua maneira de sentir e de trabalhar, e sacrifica-se à sua própria e abnegada persistência para que lhe compreendam o seu amoroso sacrifício e méritos de renovação científica, florescência plástica e brilho de cultura literária ou artística.

Ao fim e ao cabo, quase que desiludido, curva-se e humilha-se perante a realidade do seu destino e terá de considerar o seu exemplo como lição proposta às almas meditativas ou aos espíritos de irradiação poética.

horas vividas para o exacto cumprimento dos números que constituam o seu programa magnífico e maravilhosos.

Pretendeu-se distinguir no referido documentário — e, quanto a nós achamos isso muito bem! —, o estudo feito a Guimarães turística, arquitectural e industrial em corrente de justificado estudo às manifestações da riqueza concelhia.

Surgem-nos à vista os principais monumentos históricos, a traça arquitectónica de primitivas ruas, o valioso recheio dos nossos museus e esse outro monumento de encanto e de sonho que é a Penha, donde se avista, através do óculo de longo alcance, o Mosteiro de S. Torcato, pleno de arte e majestade, mas donde não se vislumbram sombras da vetusta Citânia de Briteiros, do Crasto de Sabroso e das panorâmicas Caldas das Taipas e Caldas de Vizela.

Imediatamente depois, aparece-nos em foco o aspecto industrial em que se estioez, constrói e alimenta a vida do nosso povo — três fábricas de tecidos, uma de malhas, outra de curtumes e, ainda, uma outra de cutelarias! —, para deixar logo em abandono e postas de lado as indústrias de pentes, de olaria, a caseira de tecelagem, a de serralharia, ourivesaria e de cestaria que, justificadamente, se consideram das mais tradicionais no número das 36 espécies da classificação das nossas indústrias, e das quais Sousa Viterbo nos pôde legar notícia, como que a comprovar a falta de interesse e do carinho devido a este processo de séria propaganda, em que o realizador não foi o grande culpado nem o único responsável.

Sabe-se, na revelação deste notado pormenor, que algumas destas indústrias se debatem, hoje, numa angustiosa crise e que se encontram praticamente impossibilitadas de emprestar concurso meritório a quem deseje fazer propaganda da nossa Terra.

Todavia, desde que se operasse um

Na partida

Vamos, vamos à vida!... Embora são,
De lírica pureza este abandono,
Falta-lhe o dinamismo, a vibração,
Anda a gente a cair de tédio e sono...

Vamos, vamos à vida!... Isto é bonito,
Os campos, os valados... tudo, tudo...
Mas não há aqui o sangue, a febre, o grito,
É um cemitério enorme e ermo, e mudo...

Vamos, vamos à vida a ouvir o malho
No aço da bigorna, duro e forte:
A Vida é o Trabalho,
Este descanso é a morte...

Setembro de 1947.

DELFIN DE GUIMARÃES.

CONTRASTES!...

Resposta a um Vimaranesense

Meu Prezado Amigo

Li, com toda a atenção, a sua carta e apreciei as suas considerações referentes aos assuntos constantes da mesma, sobretudo aos que se referem à Instrução e à Assistência no Concelho de Guimarães, dois problemas que, de facto, deverão interessar a todas as pessoas que aspiram a um grau de civilização mais elevado. Quanto ao problema da Instrução, mereceu-lhe especial atenção o ensino Primário e o Técnico, um e outro pouco eficientes — o primeiro por falta de escolas e o segundo pelo facto de na Escola Industrial e Comercial desta cidade não serem professores outros Cursos além dos existentes. Evidentemente, que não tem discussão o seu modo de ver a tal respeito, quer num caso, quer noutro. Não tenho elementos, nesta ocasião, para lhe poder citar o número de crianças em idade escolar, isto é, o número constante do respectivo recenseamento, mas não me devo afastar muito da verdade se lhe disser que, à face do referido recenseamento, há falta de escolas para alguns milhares de crianças deste concelho, que, como sabe, é o mais populoso do Distrito. Isto, porém, não é motivo para grande desânimo, porque, conforme o plano dos Centenários, não só em Guimarães, mas no país inteiro, o problema da Instrução popular deixará de causar sérias preocupações a partir de 1951. E se assim for, desapparecerá, então, o flagelo do analfabetismo em Portugal, aspiração que todos os bons portugueses devem ter.

No que diz respeito à Escola Técnica de «Francisco de Holanda», julgo estar habilitado a informá-lo de que a Reforma deste grau e ramo de ensino prevê a criação de um ciclo preparatório e de novos cursos na citada Escola, colocando-a, assim, em condições sensivelmente melhores e, portanto, adaptando o seu funcionamento à categoria e à natureza do meio onde se encontra instalada ou, melhor, integrando-a no labor industrial e comercial desta terra. Embora não me conste que qualquer entidade ou qualquer parcela das chamadas forças vivas de Guimarães tenham pugnado pelo aperfeiçoamento desse muito útil estabelecimento de ensino profissional, consta-me, como digo, que o ensino ali ministrado vai ser muito melhorado. De resto — e segundo informações fidedignas — isso mesmo foi dito por Sua Ex.^a o Senhor Ministro da Educação Nacional, quando, há dias, se dignou visitar essa Escola e cuja visita o deixou bem impressionado. Como vê, meu prezado amigo, o futuro promete-nos, nesse sentido, um horizonte mais esperançoso! Com referência à Assistência, tem sido muito o que se tem feito e é muito o que se está a fazer, mas muito é ainda o que falta. Para se acabar com a miséria espalhada pelo Concelho. Neste capítulo, aguardemos os resultados de um Decreto publicado, há pouco tempo, tendente a acabar com a mendicância em todo o país, o que, todavia, não se poderá conseguir sem, pelo menos, receitas certas para esse efeito. Hoje, o problema número um deverá ser exactamente esse, mas, é claro, considerado em todos os seus aspectos, que são muitos e muito va-

riados. No momento presente, deveriam os Vimaranesenses, representados por quem de direito, interessar-se pela criação de um Hospital regional, tanto mais que não faltam argumentos com os quais se possa justificar tão justa e tão oportuna aspiração. Outras terras, de inferior categoria, já anunciaram esse melhoramento e, afinal, em Guimarães continua a esperar-se pelo que a sorte determinar!... É isso, mais ou menos, o que me diz na sua carta e o que, com muito pesar, eu confirmo. Mas esta resposta já se vai transformando em abuso da sua paciência, razão por que não entro em pormenorizadas referências a outros assuntos, entre os quais o que trata do modo como alguns padeiros

procuram *impingir* pão de qualidade inferior pelo preço da qualidade melhor. A tal respeito, siga aquele conselho de se pegar com o padeiro; em seguida são chamados à presença da Autoridade e, depois de cada um prestar as suas declarações, o amigo, na qualidade de cliente, irá para sua casa e o padeiro irá... para a cadeia. Por outro lado, é necessário que não pague o justo pelo pecador. E digo isto, porque há quem cumpra. Desculpe massacrá-lo com uma resposta tão estirada e em melhor oportunidade falaremos dos restantes assuntos da sua carta.

Amigo dedicado

FARPAS

Eis o que todos os dias
Nos Cafés, Barbearias
E centros de cavaqueira,
O povo desta cidade
Diz com medo, ou à vontade,
De toda a forma e maneira:

«... E a nossa estátua adorada
Lá vai ser inaugurada!!!
Tanta gente protestou...
Inquiritos, exposições,
As mais douradas opiniões
E TUDO O VENTO LEVOU!

... Fomos lá e da Igreja
Nada existe que se veja
Ou lembre data remota!
E das pias baptismais
«Stão a servir-se animais
Em casa duma velhota!

... E tem razão o SÍUL!
Está ouro sobre azul
O artigo que escreveu.
Vamos todos trabalhar
Mas sem sono e elevar
O nosso velho LICEU.

... Francamente, é aborrecido
Massacrar o nosso ouvido
Com a eterna **popinlira**
DO FADO DO BACALHAU,
PIRATA DA FERNA DE PAU,
TENHO UMA VACA LEITEIRA!

... Sem carta e... toca a largar!
Não há medo de matar
Quem sair agora à rua!
Desastres, feridos, mortes,
Dinheiro ao vento! São sortes...
E a borgia continua!

... Foi crime premeditado?
Estava ou não preparado?
Foi desastre que se deu?
Já se tratou de saber?
O que se tem a fazer?
O certo é que ela ardeu!

... Mas quem há-de continuar,
Com amor, a trabalhar
No nosso bom Hospital?

Muito mais se ouve dizer
Mas não o posso escrever...
A COUSA assim está mal!

Guimarães, 9-X-1947. X. Damao.

O caso da Estátua do Fundador

A estátua esteve exposta já no Porto.

As nossas forças vivas reagiram como lhes competia.

Foram endereçados a Suas Ex.^{as} os Senhores Presidente do Conselho e Ministros do Interior e da Educação Nacional, telegramas em que se lamenta o que está a passar-se e se pedem providências.

A Câmara Municipal tomou também as providências necessárias.

Resta-nos aguardar que seja feita **Justiça** à Terra que foi o **Berço da Nacionalidade**.

Aguardaremos, pois...

António de Sousa Lima

O nosso querido amigo e conterrâneo Sr. António de Sousa Lima, recebeu, há dias, em Lisboa, das mãos do Sr. Embaixador de Inglaterra, a



mercê honorífica com que foi também distinguido pelo Rei Jorge VI. Aquele nosso estimado amigo e como prémio pelos serviços prestados à causa da Liberdade, foi entregue, solenemente, a «medalha do Rei», o que constitui distinção sobremaneira honrosa.

A seguir à entrega das mercês honoríficas, Sir Nigel Bruce confessou o prazer que tinha sentido pela entrega das insignias britânicas a algumas personalidades que o seu rei desejou honrar, como sinal de reconhecimento, pelos serviços relevantes por elas prestados durante o último conflito mundial.

«A memória dos homens — prosseguiu — é curta e, embora haja diariamente qualquer coisa que nos lembre a herança de empobrecimento, de ódio e de sofrimento que a guerra traz no seu rasto, temos tendência para esquecer a lealdade e a abnegação que inspira. E-me muito agradável ter esta oportunidade de afirmar mais uma vez toda a gratidão do povo britânico para com aqueles que, na hora mais sombria da história da Grã-Bretanha, não hesitaram em declarar a fé que tinham em nós e na justiça da nossa causa».

A terminar, o Sr. Embaixador de Inglaterra afirmou que o rei Jorge VI sente sempre especial satisfação quando tem a oportunidade de dar público testemunho do seu reconhecimento aos indivíduos naturais do país que é o mais antigo aliado do seu.

No final, foi servido um vinho de honra, tendo aquele diplomata bebido pela saúde do Sr. Presidente da República.

Notícias de Guimarães felicitam calorosamente o seu estimado amigo Sr. António de Sousa Lima.

AFINADOR PRECISA-SE, que saiba debuxo, para mestre de pequena fábrica. Escrever ou falar na **CASA NATÁLIA - VIZELA.**

Batá

dos denominados «milagres de vontade», a sua representação impor-se-ia à consideração dos estranhos e o nosso documentário teria naturais complementos para alcançar os objectivos em vista, honorando-se e honrando-nos.

Ver-se-ia, assim, robustecida a propaganda cinematográfica e revalidadas as homenagens que se pretendem tributar à Terra n.º 1 de Portugal.

O belo e o útil sempre foram os extremos do grande campo da nossa actividade.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 14, os nossos amigos srs. José Maria Nunes de Vasconcelos e Vasco de Oliveira Bastos; no dia 15, os nossos prezados amigos srs. Luís Filipe Coelho, distinto professor do ensino livre e Chefe da Secretaria do Grémio do Comércio de Guimarães, também nosso ilustre colaborador, e Augusto Joaquim da Silva, activo solicitador encartado; no dia 16, o nosso bom amigo sr. Fernando Francisco Loureiro Moreira e a interessante menina Alda, filha do nosso prezado amigo e distinto advogado sr. Dr. Francisco Pinto Rodrigues; no dia 17, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Vital Marques Rodrigues; no dia 18, a senhora Viscondessa de Viamonte da Silveira e o nosso prezado amigo sr. Tomás Rocha dos Santos, residente em Lisboa.

Há dias também fez anos o nosso prezado amigo e distinto funcionário da Secção de Engenharia da Câmara Municipal sr. Augusto de Aguiar.

No dia 17 completa 80 anos de idade a sr.ª D. Francisca de Oliveira Abreu, mãe do nosso amigo e conceituado mestre de obras, sr. Manuel de Freitas. Parabéns.

Notícias de Guimarães, apresentaram os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Do Estoril regressou a esta cidade o nosso querido amigo sr. Albano de Sousa Guise.

De uma digressão por Espanha, com sua esposa, regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Antero H. da Silva.

Partiu para o seu solar de Simões (Felgueiras) o nosso prezado amigo sr. Dr. Maximiano Pinto de Simões.

Deu-nos há dias o prazer da sua visita a senhora D. Lucinda dos Anjos Pimenta, digna funcionária dos CTT em Ponte de Lima.

Cumprimentámos há dias nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto oficial do exército sr. Coronel António de Quadros Flores.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima.

Regressou a Guimarães, com sua família, o nosso prezado amigo sr. Visconde Viamonte da Silveira.

Também regressou da Póvoa de Lanhoso o nosso bom amigo sr. Alberto A. Oliveira.

Acompanhado de sua esposa regressou.

Francisco Raimundo de Sousa Guise

No dia do aniversário natalício deste venerando ancião, prestimoso Chefe de uma família que tem sabido impor-se à consideração geral, numerosas individualidades vimaranenses assumiram como as Direcções de diversos organismos religiosos, económicos e beneficentes manifestaram ao simpático vimaranense o seu muito apreço.

Dando uma nota enternecedora, os pequenos internados das Oficinas de S. José também estiveram em casa do nosso respeitável conterrâneo a apresentar-lhe cordeais saudações e, nesse dia, o carrilhão do Santuário da Penha, de que ele foi o maior impulsor, repicou festivamente como que saudando o Sr. Francisco Guise e levando até ao Altíssimo as preces dos crentes pela continuação de sua preciosa existência.

Venerável Ordem Terceira de São Francisco

Convocação da Assembleia

Geral Extraordinária

Convidam-se os Irmãos desta Venerável Ordem a reunirem-se na sala das sessões, em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 20 do corrente, pelas 10 horas, para habilitar a Mesa a fazer um contrato de arrendamento de três salas, com os Serviços Médicos-Sociais — Federação de Caixas de Previdência, para a instalação de um posto clínico provisório.

Se no dia acima designado não comparecer número legal de Irmãos, desde já fica feita a segunda convocação para o dia 27 deste mês, à mesma hora.

Guimarães e Secretaria da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, 7 de Outubro de 1947.

O Ministro e Presidente da Assembleia Geral,

a) Leopoldo Martins de Freitas.

gressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro.

Esteve nesta cidade acompanhado de sua esposa o nosso querido amigo e distinto 1.º Tenente da Armada sr. Carlos Alberto Teixeira da Silva, nosso estimado conterrâneo.

Regressou de Paços de Ferreira ao Porto o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. Joaquim Ferreira Torres.

Deu-nos o prazer da sua visita o nosso querido amigo rev. Dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda.

Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Celestino Lobo e de Cepães, Fafe, o nosso bom amigo sr. Domingos Cosme Baptista Vieira.

Tem estado de novo entre nós o nosso querido camarada, do Rio de Janeiro, sr. Correia Varela.

Encontra-se nesta cidade a sr.ª D. Luciana Barroso da Costa Freitas.

Esteve na Covilhã, de onde já regressou, o nosso prezado amigo sr. José Maria Machado Vaz.

Baptizado

No dia 4 do corrente, recebeu as águas do santo baptismo, na Igreja da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, uma filhinha do nosso bom amigo e estimado conterrâneo, sr. Jaime Ribeiro da Costa Sampaio e netinha do também velho amigo sr. Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio. Foram padrinhos o sr. Francisco Alberto da Cunha Guimarães e esposa a sr.ª D. Maria Helena Martins Guimarães, recebendo a néfita o nome de Maria Helena. Foi celebrante o Rev. Hilário Veloso de Barros.

Casamentos

No Santuário Eucarístico da Penha realizou-se ontem, com grande pompa, o enlace matrimonial do nosso prezado amigo sr. António José Ribeiro de Abreu, filho do também nosso prezado amigo e abastado proprietário em S. Martinho de Candoso, sr. José Ribeiro de Abreu e de sua esposa a sr.ª D. Laura Correia Machado Abreu, com a sr.ª D. Serafina do Carmo Rodrigues Figueiredo, gentil filha do nosso prezado amigo e importante industrial no Pevidém sr. José Rodrigues Guimarães e de sua esposa a sr.ª D. Maria Rosa da Cunha Guimarães.

Foram padrinhos, tanto por parte da noiva como do noivo, seus pais, e celebrante o ilustrado Reitor da freguesia de Serzedelo e nosso estimado amigo sr. P.º Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, que, na devida altura, dirigiu aos simpáticos noivos uma brilhante alocução baseada nos ensinamentos do Evangelho.

Serviram de Damas d'Honor mademoiselles Maria de La Sallette Correia Machado Abreu, Maria Fernanda Correia Machado Abreu, Maria Odete Marques de Abreu e Maria Irene Gomes Salgado, sendo portador das alianças o menino José Alberto Rodrigues Pinheiro.

Durante a cerimónia esteve ao harmonium, executando magníficas composições com acompanhamento de canto, o distinto professor do Seminário Conciliar, Rev. Manuel Borda.

No final do acto e no Hotel da Penha foi servido a todos os convidados um primoroso copo d'água, durante o qual foram feitos muitos brindes pelas

prosperidades dos noivos. A estes, que reunem as qualidades indispensáveis para a constituição de um Lar feliz, ambicionamos as maiores venturas e, a seus pais, apresentamos os nossos cumprimentos.

No dia 5 e também no Santuário da Penha, consorciaram-se o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Oliveira e a sr.ª D. Crisanta Pereira de Magalhães, filha do sr. Tenente Pedro Machado, Comandante da G. N. R. em Penafiel e de sua esposa a sr.ª D. Elvira Pereira Machado.

Paraninfaram, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo o nosso prezado amigo sr. Américo da Cunha Mourão e esposa, a sr.ª D. Alzira Lopes Mourão.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Doentes

No Pevidém tem passado bastante incomodado o nosso prezado amigo Sr. Francisco Coelho de Lima.

Em Vizela também tem passado doente o nosso prezado amigo e camarada sr. Francisco Armindo Pereira da Costa.

Esteve muito doente mas já se encontra em vias de franco restabelecimento o nosso bom amigo sr. Ademar Pinto Leite, activo cartório das Associações de Socorros Mútuos Fúnebre e Artística.

Encontra-se restabelecido o nosso prezado amigo sr. José de Freitas Lameiras.

Desejamos aos doentes o mais breve restabelecimento.

Batá

Diversas Notícias

Desastres

Deram entrada no Hospital da Misericórdia: — António Duarte, de 42 anos, casado, de S. Miguel das Caldas (Vizela), com ferimentos na região frontal, por ter caído de uma ramada, quando vindimava; Albino de Oliveira, de 42 anos, solteiro, com fractura do pé esquerdo, por ter caído de uma árvore, quando vindimava na freguesia de Azurém.

Quando António de Abreu, de 15 anos, trouxa, da freguesia de S. Martinho do Conde, deste concelho, trabalhava numa obra em Moreira de Cónegos, devido a ter-se partido um degrau da escada em que estava, caiu, ficando ferido na cabeça e com fortes contusões pelo corpo. Recolheu ao Hospital.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Henrique Gomes, à Rua da República.

Pela Polícia

Acusado de um crime grave vai ser entregue ao Poder Judicial Aveilino Portela, casado, operário fabril, do lugar do Lameirinho, freguesia de S. Jorge de Sêlho.

ARAME ZINCADO

N.º 10, 11, 12, 13 E 14

FERRO T PARA RAMADAS

ENTREGA IMEDIATA

Reinaldo, Martins & Gonçalves, Limitada
Rua Paio Galvão — GUIMARÃES.

CANDIDO DIAS, L.ª

Rua das Flores, 282 301

Telef. 1 871 PORTO Telef. 1 Didias

Compramos e vendemos: Notas e moedas de todos os países, ouro e prata em barra, platina e libras ouro

✦

Moedas antigas ouro e prata para colecções

✦

Papéis de crédito e cupões nacionais e estrangeiros

Ordens de bolsa

FERRA & PASSOS, L.ª

SEDE EM GUIMARÃES — Rua de Camões, 28-1.º

STAND EM BRAGA: 619

Avenida Marechal Gomes da Costa, 113

AGENTES NO DISTRITO DE BRAGA

dos Automóveis e Camions "Renault" e AGENTES nos Distritos de Braga e Viana do Castelo dos Automóveis "Nash".

FUTEBOL

O Vitória bateu o Sporting Club de Fafe por 6-2

Para prosseguimento do torneio «Taça do Minho», cuja primeira volta terminou no domingo, encontraram-se no Campo da Amorosa o Vitória e o Sporting de Fafe. Dos cinco jogos efectuados foi este o primeiro que os desportistas vimaranenses puderam presenciar, pois os quatro restantes coube ao seu representante ir disputá-los ao campo dos adversários.

De antemão se sabia que seria o vencedor deste encontro, mas, apesar disso, muitas foram as pessoas que, desejosas de matarem o vício, o foram presenciar e, diga-se, apesar da distância que separa os contendores não passaram mal o tempo. Positivamente que não assistiram a uma grande partida de futebol, mas foi-lhes proporcionada uma luta interessante, em que um dos antagonistas — o Sporting de Fafe — soube, apesar da sua manifesta inferioridade física e técnica, ripostar com aquele denodo e aquela alma que lhe são peculiares, animando o jogo desde o princípio ao fim.

A primeira parte foi a mais agradável de seguir-se e aquela em que se ditou o resultado, pois os quatro tentos conquistados pelos donos do terreno foram precisamente os que no final apareceram a distanciar os do vencedor. O Vitória nesta primeira parte exibiu-se agradavelmente, apesar dos esforços do adversário em contrariá-lo. E somos de parecer que se não chega tão cedo aos 4-0 — aos 28 minutos de jogo era esse o resultado a seu favor — a partida teria ganhado bem mais em emoção e interesse. Assim, a confiança excessiva entrou cedo a pesar na balança dos vimaranenses e com isso perderam os assistentes que podiam ter saído mais satisfeitos, não com o resultado — suficientemente expressivo — mas com a exibição dos seus favoritos que, na verdade, deveria ter subido mais uns graus.

O Sporting de Fafe, que na

posição de vencido ou vencedor não quebra em vontade, mais uma vez tal confirmou e louvores merece por isso. De débil compleição física a quase totalidade dos seus elementos, nem por isso todos eles deixaram de se bater com energia e abnegação. E foi mercê disso que conseguiram reduzir a desvantagem de 4-0 para 4-2, quando quase toda a gente estava convencida que o marcador continuaria a subir apenas a favor dos campeões.

Mas, iniciada que foi a segunda parte, notou-se nestes quebra de entusiasmo e baixa na qualidade do jogo produzido até então. Disso se aproveitaram os fafenses que, sempre voluntariosos, os surpreenderam com dois tentos imprevistos e feitos no mesmo jeito. Foi então que os vimaranenses, dando conta do perigo, se decidiram de novo a jogar, mas nunca mais revelando aquela coesão que demonstraram na primeira metade, pois vários elementos não conseguiram recompor-se.

O Vitória marcou aos 13 e aos 22 minutos, por Teixeira; aos 18, por Alcino; aos 28, por Luciano; aos 59, por Franklin e aos 62, por Miguel.

Dos pontos do Sporting foram autores José Barros, aos 49 minutos, e Túbal, aos 52.

O Sporting de Fafe deixou, mais uma vez, impressão agradável pelo seu apego à luta, tendo, mercê disso, evitado que o resultado lhe fosse mais desfavorável. Possui elementos novos muito habilidosos, tais como Mário, Armando e Tino, e outros já veteranos que são ainda muito úteis. Destes destacaremos José Barros — exemplo de dedicação e amor clubista.

O Vitória, que continua a apresentar-se sem o seu avançado centro Briosos, fez ocupar o lugar deste por Rebelo. Não nos desagradou a sua actuação, embora lhe reconheçamos mais autoridade no seu lugar habitual, o que não admira. Mostrou sobretudo bastante vivacidade, o que é factor de valia naquele posto. O elemento mais destacado da equipa foi Luciano, que reapareceu, após longo período de ausência, em boa forma. Gostaríamos de o ver jogar sempre assim. O novo defesa Costa, de excelente físico, mostrou-se possuidor de qualidades para o bom desempenho do lugar. Esteve, porém, bastante incerto a bater a bola.

Foi revelador de pouca autoridade, embora bem intencionado, o trabalho de arbitragem confiado a João do Vale, de Braga.

Pelo Vitória jogaram — Machado, Garcia, Costa, Luciano, Curado, José Maria, Franklin, Miguel, Rebelo, Teixeira e Alcino.

O Sporting alinhou — Alves, Armando, Coimbra, Gervásio, Zeca, Alves II, Tino, Túbal, Mário, Nelo e Moreira.

Em Reservas, o Vitória manifestando grande superioridade bateu os fafenses por 7-1. Tarugo marcou 5 tentos, tendo Pias e Sousa apontado os dois restantes.

O Vitória joga hoje no seu campo com o Sporting Club de Braga. Tanto o jogo de Reservas como o de Primeiras Categorias estão rodeados do maior interesse, devendo a «Amorosa» registar uma enchente. Na primeira volta o Vitória bateu o Sporting por

AGRADECIMENTO

Na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todos os amigos e sobretudo aos moradores da Rua Egas Moniz e Largo da Oliveira a forma como brilharam a minha festa de Missa Nova, venho desta forma expressar-lhes todo o meu reconhecimento e gratidão.

P.º Ferreira de Melo.

REPRESENTAÇÕES

Pretende pessoa de 35 anos de idade e conhecedor da praça de Lisboa, onde trabalha há 20 anos numa importante casa comercial.

Dão-se as referências necessárias. 643

Resposta à redacção deste jornal com as iniciais H. C.

Forgonete Renault-1.000 quilos

Nova e já pintada

Vende:

António José Trindade R. de Santo António, 53 — GUIMARÃES

CADELA RATEIRA

Entrega-se a quem provar pertencer-lhe pagando todas as despesas. Falar com Eduardo J. Freitas, Rua de Francisco Agra, 93 — Guimarães.

MATO

VENDE-SE 20 carros, situado na freguesia de Gonça.

Tratar com João de Freitas Torres Brandão — S. TORCATO. 627

No 25.º Aniversário da fundação do "VITÓRIA SPORT CLUB", cumpre-nos saudar efusivamente todos quantos lhe emprestaram a sua valiosa colaboração e o têm sabido manter para supremo orgulho da nossa querida e vetusta Cidade de Guimarães.

Como nasceu o Vitória

O ano de 1922 marcava o início de uma nova época de *foot-ball* no País.

A "tertúlia" da *Chapelaria Macedo*, ao Toural, acorriam os adeptos mais fervorosos da leitura das coisas dos novos desportos, nascendo logo, ali, a ideia da fundação dum club que denominar-se-ia de **Vitória Sport Club**.

O próprio António de Macedo, proprietário da chapelaria, se encarregava de fazer o estudo das leis do *foot-ball* em vigor, e dava gosto ouvi-lo a dissertar sobre o *Kick off* — que obrigava à colocação da bola no centro —, e da maneira como devia efectuar-se o *place Kick* em direcção à linha de *goal* oposta, como se determinava na lei segunda.

Eram frequentadores desse estabelecimento dum portinha só, os amigos Emílio Pereira de Macedo, Sargento Afonso Dória, Luís Gonzaga Leite, Domingos André de Magalhães, Avelino de Araújo Dantas e o autor desta singela palestra, que, imediatamente, se prontificaram a fomentar a ideia e a arcar com a responsabilidade directiva da nova organização, sobre a presidência do saudoso Macedo que, pelos conhecimentos adquiridos, acumularia os cargos de treinador e árbitro.

Contavam-se, ainda, como bons entusiastas da nova causa, os irmãos Pires, o Jaime Fernandes, o Mariano Felgueiras (Filho), o Domingos Nobre e muitos outros rapazes cujos nomes não nos ocorrem de momento e dado o tempo decorrido já.

Aos domingos, o *Campo da Atouguia* não era só o passeio favorito daqueles que se dirigiam ao cemitério em íntima e saudosa romagem... Tornava-se em atractivo dum espectáculo cheio de beleza e vigor, e era ponto forçado de reunião de novos, adolescentes e adultos a quem interessava a exibição das novas "turmas vitorianas".

Na imediata época, o **Vitória** participava em dois desafios para o *Campionato do Minho* em que foi desclassificado por falha de transporte dos jogadores, na ida para Braga.

Com a colocação na unidade militar da Terra de alguns jovens e moços oficiais — para quem esta modalidade de desporto não era de todo desconhecida —, o entusiasmo recrudesciu e pôde o **Vitória** ter competidor sério — o *team* militar do R. I. N.º 20 —, como de princípio o havia sido o "Académico de Guimarães".

Ponderadas, porém, razões de unidade, sugeridas pela imprensa, dentro de pouco tempo, o nosso primeiro e único club — e não se veja na afirmação desprimor ou menos simpatia para com o *Club de Atradores e Caçadores de Guimarães*, que, ainda, se mantém de pé para orgulho dos vimaraneses amantes da venatória —, tinha a apoiá-lo as figuras prestigiosas de desportistas dos então Tenentes, Gervásio Campos de Carvalho e Heitor de Almeida e os Alferes, Carlos Santos e José Vieira Campos de Carvalho que, além do esforço voluntário que ofereciam, em muitas emergências se viu retirarem dos seus "soldos" as quantias julgadas indispensáveis à boa marcha e necessidades clubistas.

Entretanto, o *Campo da Atouguia* era um remedeio, mas falhava pelo seu terreno assás acidentado e diminutas proporções rectangulares.

Alimentava-se em desejo o arranjo dum novo campo, vedado, e diligências foram encetadas para o descobrir.

Como por encanto, surgiu o *Campo José Minotes*, ali, aos Palheiros, no local da antiga *Praça de Touros* e adaptado depois para um concurso hípico que se realizaria a quando da visita do Ministro da Guerra para a imposição das insígnias da Cruz de Guerra na bandeira do regimento aqui aquartelado.

Alberto Teixeira Carneiro — espírito de boémio mas alma aberta para todas as boas iniciativas —, veio ao encontro da ideia em marcha e quis ser agradável aos "pazes" da sua crença.

Procedeu-se à desinfectação e melhor arranjo do campo e, com casa à cunha, no pé e nas bancadas, fez-se a sua inauguração oficial em 27 de Janeiro de 1924, servindo de madrinha a Ex.ª Senhora D. Júlia Jordão.

O que houve de regosijos e tristezas, adentro desse campo, só os corações dos praticantes e os dos espectadores no-las saberiam confidenciar em recordativa conversa, se falar pudessem.

(Excerto da palestra pronunciada, ontem, pelo Sr. Luís Filipe Coelho, na sessão inaugural das comemorações das Bodas de Prata do «Vitória».)

A Imprensa

na evolução desportiva de Guimarães

Ao nascer a ideia nobilíssima da fundação, em Guimarães, dum club desportivo, a imprensa se ficou devendo o maior apoio moral e, outrossim, a perfeita remoção de muitas das dificuldades surgidas nos tempos que se lhe seguiram.

Da pena brilhante de devotados desportistas — e apraz-nos salientar a acção altamente meritória de Vi-

riato em «A Razão», semanário que viu a luz do dia em 1 de Janeiro de 1923, e depois a de Sérgio Vidal no «Ecos de Guimarães» —, saíram e brotaram palavras de incitamento e de entusiástica certeza que, em muito, contribuiriam para a consolidação e progressiva vida do nosso primeiro e único club desportivo, como, da sua função, puramente jornalística, teríamos de aproveitar a lição maravilhosa que preparou o futuro desportivo da nossa Terra.

Lia-se a miude: — «Se correremos mundo, deixando por algum tempo esta querida nesga de terreno do sudoeste da Europa, nós tiraremos das nossas viagens e dos nossos estudos uma opinião absolutamente contrária àquela que, ainda há pouco, fazia sorrir alguns dos nossos queridos leito-



António Macedo Guimarães, o 1.º Presidente da Direcção e um dos Fundadores do **Vitória**.



Afonso da Costa Guimarães, o 2.º Presidente da Direcção do **Vitória** que, legalmente, o oficializou.

res. Nós veremos que por todo o Mundo civilizado não somente se cuida do desenvolvimento desportivo das raças, como o melhor meio de conseguir o seu revigoramento, mas também que muitas empresas encontram nele um belo ramo de negócio.

Também, não faltaram as sugestões as mais judiciosas, como, em momentos de desânimo, se procurou premiar o esforço e os sacrifícios impostos a dirigentes e a praticantes.

Depois, foi a vitória dum causa que se dignificou aos olhos da nossa gente e, até, dos estrangeiros.

Outros nomes apareceram a interessar-se pelas coisas do desporto, tais como, o Filipe Coelho, o Dr. José Rodrigues, o Heitor Campos, o Dr. Isaias Vieira de Castro, o Eduardo Passos, o Dr. José Maria de Moura Machado, o António Neves, o António Amaral, o António de Almeida Ferreira e o José Quaberto de Freitas, que, nos jornais vários que se foram publicando, no decurso destes 25 anos já contados, sempre procuraram honrar o seu amor pela causa do desporto e souberam manifestar-se em toda a pujança do seu talento e saber.

Confessar-se-á que tem sido reduzida a pléiade dos amadores de jornalismo que, na Imprensa Vimaranesa, bem tenham sabido cumprir a sua árdua missão de pioneiros e defensores do Desporto... Agrada-nos, no entanto, o acolhimento que as direcções dos semanários ou quinzenários locais lhes dispensaram ou, ainda, dispensam, como justo se torna que os homenageemos, nesta data festiva, em que se comprova a boa-vontade de uns e o exemplo vivo de outros, a bem do nosso maior bem: — a purificação e o robustecimento da saúde dos nossos filhos!

E' que, na verdade, a Imprensa de Guimarães foi, e continua a ser, o melhor baluarte levantado em defesa desse «traço de união» que reage contra todos os egotismos patrióticos e faz banir as fronteiras para irmar-nos mais os homens e melhor aprestá-los para a luta pela vida.

Honra, pois, a todos quantos espalharam e difundiram pensamentos sãos em favor de corpos sãos!

Um Vimaranesense.

EXPLICAÇÕES

Dão-se explicações para o 1.º ciclo do Liceu a rapazes e a meninas. Falar das 19 às 20 horas no Largo 13 de Fevereiro n.º 28.

Sócios Honorários do Vitória

No grande número das figuras de desportistas que melhor honraram o Desporto Vimaranesense, nomes ná que merecem especial veneração e respeito, não só pela firmeza de credo demonstrado, mas também pela isenção posta ao serviço dum causa nocte e justa.

Todos lhes reconhecem a quase paixão e a extrema devoção da sua espontânea actividade, como não constituiu motivo de surpresas a sincera homenagem que, nesta hora e data, se lhes presta em testemunho de reconhecimento, nas comemorações das *Bodas de Prata* do **Vitória**, ao saber-se que, do seu exemplo, se pode conservar e manter uma obra que é verdadeiro orgulho dos vimaraneses e a primorosa escola de educação de seus filhos e netos.

Nunca será, pois, demais que se consagrem o desvelo e o carinho postos em prol do nosso primeiro e único club desportivo, como os imperativos de consciência nos obrigam ao culto devido a quem tão bem honrou o seu nome e a colectividade em que serviu.

Carlos Machado

Modesto e simples, mostrou-se «vitoriano» cem por cento ao promover, a expensas suas, a construção e arranjo do *Campo do Benlheval*, em época em que o abatimento, a defecção e o comodismo de muitos originaram a desconfinça pela Causa desportiva.

Dr. José Pinto Rodrigues

Eleito por aclamação Presidente da Direcção do «Vitória», em Dezembro de 1932, à sua acção, entusiasmo e valor intelectual ficou o nosso Club devendo o risonho futuro que alcançou por direito e conquista.

Ainda, em nossos dias, é a prestigiosa figura indicada para dirimir ou resolver os problemas graves do «Vitória»; como seu assistente jurídico.

Major António Ribeiro dos Reis

Não sendo natural de Guimarães, mostrou-se um alto valor desportivo na defesa dos interesses do nosso Club, como seu representante junto da «Federação Portuguesa de Foot-Ball», norteador sempre a sua acção dentro dum alto espírito de isenção e de perfeita justiça.

Amadeu da Costa Carvalho

Presidente Honorário do «Vitória», exerceu papel de grande relevo sempre que foi chamado a intervir nos destinos do nosso Club.

Espirito de requintada sensibilidade e dotado de excepcionais qualidades de teocidade e zelo, soube remover, pelo seu nobre exemplo, as dificuldades que constituíam sérios entraves ao desenvolvimento da sua acção salutar e orientadora.

António Faria Martins

Primeiro Presidente da Assembleia Geral de corpos directivos oficializados, da sua persistência e excelente actividade se obteve o alto valor desportivo a que se alcançamos o «Vitória», em nossos dias.

Também, como seu lídimo representante, quer junto da *Associação de Foot-ball de Braga*, quer junto da *Federação Portuguesa de Foot-Ball*, a sua interferência foi valiosíssima pelo superior critério com que

sempre defendeu a causa desportiva do Concelho e, até, do Distrito.

Jogador Virgílio de Freitas

De origem simples e modesta, a sua actuação como praticante do *foot-ball* grangeou-lhe a simpatia dos «vitorianos» e o merecido galardão qua lhe foi conferido pelo Club qu serviu, elevando-o à categoria de seu sócio Honorário.

Dotado dum grande vontade e revelando um grande espírito de disciplina, o seu exemplo frutificou e valeu em razão do seu magnífico esforço.

António Pádua (Bravo)

Nunca no *foot ball* vimaranesense apareceu figura tão simpática como a do *Bravinho*.

Fazendo puro amadorismo e revelando-se dotado dum alto sentido do jogo, que praticou, obteve como recompensa a justa consagração que o Club lhe tributou, ao fim da sua carreira de praticante de *foot ball*.

Faz parte dos actuais corpos directivos do «Vitória» e, por sua bela iniciativa, abriu uma escola de «Juniiores» de que é professor e orientador e que constitui todo a seu orgulho.



Amadeu da Costa Carvalho, Presidente Honorário do **Vitória**.

Programa das Comemorações

Dia 12 — De manhã, na sede do Club, será inaugurado um quadro de Honra com o nome dos Fundadores do Club e, em seguida, realizar-se-á uma romagem de saudade ao cemitério de Atouguia, em visita às campas dos Atletas e sócios fundadores.

De tarde, jogo de futebol VITÓRIA-SPORTING DE BRAGA.

Dia 13 — Sessão de cinema com filmes desportivos e Variedades com Artistas da Rádio.

Dia 14 — Primeiro festival no Jardim Público com a Banda do Pevidém.

Dia 16 — Segundo festival no Jardim Público com a Banda dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Dia 18 — Sessão Solene no Teatro Jordão.

Dia 19 — De manhã, apresentação,



Antero Henriques da Silva, o actual Presidente da Direcção do **Vitória**.

Saudação ao Vitória

Conheci-te ainda pequeno, mas já tinhas propensão pra conquistar no terreno os louros de Campeão.

Teu passado tem fulgor, são bem reais os teus créditos. Em lutas cheias de ardor se alicerçaram teus méritos.

Sem atropelos seguiste teu rectilíneo caminho... Foi assim que conseguiste ser o grande cá do Minho.

Nas tuas nobres fileiras lutou sempre a mocidade, olhos postos nas bandeiras do Desporto e da Cidade.

Pobres e ricos tens tido a servir teu ideal. Belo exemplo oferecido aos que te possam ver mal.

Quem Guimarães sabe honrar de maneira tão erguida, não poderá sossobrar, faz parte da sua vida.

A todos, pois, que são vivos, e que por ti têm lutado, os protestos expressivos dum obscuro soldado.

Belgatour.

no Campo da Amorosa, da ESCOLA DE ATLETAS DO CLUB, seguida do jogo de Voleibol VITÓRIA-ACADÉMICO de Braga.

De tarde, jogo de futebol VITÓRIA-VIANENSE.

A' noite, no Restaurante do Teatro Jordão, BANQUETE de CONFRATERNIZAÇÃO DO 25.º ANIVERSÁRIO DO VITÓRIA.

Subsídios para um Calendário de Jogos do Vitória

ÉPOCA DE 1922-1923:

Fevereiro, 18 — Na Atougnia: Vitória, 0. Académico de Guimarães, 1.
Março, 4 — Na Atougnia: Vitória, 0. Académico de Guimarães, 1.
Abril, 8 — Na Atougnia: Vitória, 2. R. de Infantaria 20, 4.
Abril, 22 — Em Braga: Vitória, 2. Sporting de Braga, 2.º 3.
Abril, 29 — Em Famalicão: Vitória, 1. Famalicense, 8.
Maio, 13 — Na Atougnia: Vitória, 4. Selecção Vimaranesense, 2.
Maio, 27 — Na Atougnia: Vitória, 7. Onze Vermelho de Braga, 1.
Junho, 17 — Na Atougnia: Vitória, 4. Vista Alegre de Ilhavo, 1.
Junho, 16 — Na Atougnia: Vitória, 1. Vizela, 0.

ÉPOCA DE 1923-1924:

Novembro, 4 — Em Braga: Vitória, 1. Braga Sport Club, 2.
Novembro, 11 — Em Braga: Vitória, 0. Sporting de Braga, 2.
Janeiro, 27 — Inauguração do Cam-

po José Minotes: Vitória, 0. Sporting de Braga, 4.

Fevereiro, 3 — Campo José Minotes: Vitória, 5. Oliveira Martins, 2.

Fevereiro, 10 — Campo José Minotes: Vitória, 5. Braga Sport Club, 2.

Fevereiro, 17 — Campo José Minotes: Vitória, 3. Famalicense, 3.

Fevereiro, 24 — Campo José Minotes: Vitória, 1. Nuno Alvares, do Porto, 0.

Março, 13 — Campo José Minotes: Vitória, 5. Amarante, 1.

Maio, 4 — Campo José Minotes: Vitória, 4. Nuno Alvares, do Porto, 1.

Maio, 11 — Campo José Minotes: Vitória, 4. União de Barcelos, 3.

Maio, 25 — Campo José Minotes: Vitória, 2. Académico do Porto, 5.

Junho, 1 — Campo José Minotes: Vitória, 3. Boavista, 6.

Junho, 15 — Campo José Minotes: Vitória, 4. F. C. de Gaia, 2.

Junho, 22 — Campo José Minotes: Vitória, 4. Nuno Alvares, do Porto, 2.

Junho, 29 — Campo José Minotes: Vitória, 5. Ramaldense, 0.

ÉPOCA DE 1924-1925:

Novembro, 1 — Em Famalicão: Vitória, 5. Famalicense, 5.

Maio, 2 — Nas Taipas: Vitória, 2. Boavista de Braga, 1.

Junho, 7 — Inauguração do Campo da Perdiz: Vitória, Reserva, 3. F. C. de Fafe, 3.

Junho, 7 — Vitória, 2. Famalicense 1.

Julho, 12 — Campo da Perdiz: Vitória, Infantil, 3. Sporting de Braga, Infantil, 3.

Agosto, 2 — Campo da Perdiz: Vitória, 1. Salgueiros, 1.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Agosto, 3 — Campo da Perdiz: Vitória, 3. Atlético de Guimarães, 0.

Aí, Valente!

Recebemos esta carta:
II.º Sr. Director do semanário «Notícias de Guimarães»
GUIMARÃES.

Sob o título «AÍ, VALENTE!», li a publicação inserida no semanário «Notícias de Guimarães», N.º 816, de 21 de Setembro passado.

Tratando-se duma carta particular e dirigida a tam alta Personalidade como é Sua Ex.ª Rev.ª o Sr. Arcebispo Primaz, ao dar-se-lhe publicidade procurou-se, apenas, atingir-me, minimizar-me.

Isto é claro, e, porque o é, pensei desde a primeira hora em deixar ao subido critério de Sua Ex.ª Rev.ª e aos do Leitores bem intencionados, o ajuizar.

Mas, afinal, os autores da proeza, que não são de Creixomil, mais uma vez se enganaram.

Procurando atingir o Pároco, atingiram, apenas, a reputação do Povo que é bom, empreendedor e de alto valor artístico.

O seu valor real, é certo, em nada diminuirá, embora continue a teima de quem O julga um Povo inferior só porque é de Creixomil.

Por isto, é que me pareceu, depois, ser preciso pôr a claro toda a verdade, a BEM DA JUSTIÇA.

Acredito que o Senhor Joaquim Pereira da Silva, meu parouquiano e, de facto, bom homem, levado menos pelo que se passou do que pelo infame alarido levantado à sua volta, se permitisse quaisquer gestos ou palavras aproveitadas por quem vilmente procura ensejo de amesquidar o Padre e o bom nome duma freguesia.

O José Maria, não de 13 mas de 15 anos de idade (nasceu a 4 de Outubro de 1942), com outros rapazes da sua libré, desde há muito, em sistemática provocação, vinha perturbando a Catequese e ainda outros actos, quer de acção formativa das Crianças quer mesmo do Culto.

Quantas vezes, empregando os mais suavisos meios, tentei evitar estes abusos!
Na última destas tentativas, o José Maria, bem conhecido como chefe desse grupo e guia da enervante dança, respondeu atrevidamente deixando a impressão de estar ensaiado para isso.

A censura que tal insolência mereceu não teve outras consequências além das que a imaginação duns e a maldade doutros, lá sabem porquê, criaram na opinião pública.

Com esta, aliás, principalmente quando preparada com segunda intenção, nunca me preocupei demasiadamente, se os meus deveres me impõem qualquer atitude.

O Pároco não é Pároco só de «ALMAS», como muita gentinha erradamente julga, mas é Pároco de «PESSOAS». É na triplice missão de «ensinar», «santificar» e «governar» o agregado paroquial que o Bispo lhe confia, estão incluídas muitas obrigações que nem todos compreendem ou querem compreender.

Bem sei que Jesus disse: «DEIXAI VIR A MIM OS PEQUENINOS».

Mas... não me acusa a consciência de os afastar de mim!

O que em Creixomil pelas crianças se tem feito, só não o vê quem é cego ou não o quer ver.

De resto Jesus não disse só isso. Disse também: «SE NÃO VOS FIZERDES COMO CRIANÇAS, NÃO ENTRAREIS NO REINO DOS CÉUS».

E só dos que, como crianças não queriam ser, pela simplicidade, pureza, candura, intenção recta, justiça, etc., é que o Divino Mestre recebeu injúrias e afrontas. Iam ao Templo e apregoavam ou fingiam virtudes que não tinham. Mas desmascarados, por amor dos eleitos, refervi-lhes o ódio nos corações e maquiavêlamente prepararam a Jesus a ignominia do Calvário.

Mas, que aproveitaram? — A ignominia da Sexta-feira Santa foi, apenas, uma preparação para as glórias do Domingo de Páscoa.

E quem não conhece o conselho de Jesus: «ACAUTELAI-VOS DOS FALSOS PROFETAS, QUE VÊM A VÓS COM VESTIDOS DE OVELHAS, E POR DENTRO SÃO LOBOS RÁPACES. — PELOS SEUS FRUTOS OS CONHECERES...»

Espero me permita a publicação do que acabo de escrever e já no primeiro número do «Notícias de Guimarães» na coluna, página e tipo correspondentes à publicação a que me refiro.

São Miguel de Creixomil, Guimarães, 8 de Outubro de 1947.

P.º Manuel de Freitas Leite.

N. R.

Depois de lida esta carta cumprenos repudiar a afirmação nela contida de que ao dar-se publicidade àquela que a motivou se procurou atingir a reputação do Povo de Creixomil. Não é verdade porque a maior parte da gente de Creixomil nos merece o maior respeito e estima. Ficamos ainda a certeza de que nos não enganamos ao afirmar que o Sr. Joaquim Pereira da Silva, autor da carta que publicamos em 21 de Setembro e que temos em nosso poder com a assinatura devidamente reconhecida por notário, é uma pessoa de bem. E que o seu filho levou uma valente sova parece estar também mais que provado. Quanto a nós, também procuraremos acautelar-nos daqueles falsos profetas de que Jesus mandou que nos acautelassemos...

Ponto final, pois.

OS «ANTÓNIOS DO NORTE», vieram a GUIMARÃES em passeio cultural e de propaganda

O grupo onomástico «Os Antónios do Norte» deslocou-se no passado domingo a Guimarães, em passeio cultural e de propaganda.

A partida fez-se do Porto em caminhetas que, depois de umas pequenas paragens por várias terras do Minho, onde foi feita uma larga distribuição de circulares e prospectos de propaganda, chegaram a Guimarães cerca do meio dia, onde eram aguardados por muitas dezenas de «Antónios».

Antes do Almoço de confraternização todos os «Antónios» se dirigiram para junto do monumento a D. Afonso Henriques, onde o Sr. Dr. António Martins Barbosa colocou um ramo de flores naturais, que tinha nas fitas de seda a seguinte legenda: «Homenagem dos Antónios do Norte ao Rei fundador e sua cidade».

O Sr. António Ferrão Cardia Moreira fez um discurso, sendo observado 1 minuto de silêncio em homenagem ao fundador da nacionalidade.

No amplo e modelar restaurante do Teatro Jordão teve depois lugar o almoço de confraternização dos «Antónios», que foi presidido pelo Sr. João das Neves, em representação do Sr. Presidente da Câmara, que se fez leadeir pelos Srs. Dr. António Martins Barbosa e António Sabino Simões Neto, tomando assento em lugares de honra os membros da comissão reorganizadora dos «Antónios do Norte».

Por coincidência, no mesmo salão do restaurante estavam os componentes do «Atómico», grupo constituído por moradores do Bairro Económico de S. Roque da Lameira, da cidade do Porto, tendo um elemento desse grupo feito uma calorosa saudação aos «Antónios do Norte», que foi agradecida pelo Sr. António Ferrão.

Como nos «Atómicos» houvesse bastantes indivíduos com o nome de António, estes imediatamente se inscreveram como sócios nos «Antónios do Norte», facto este que deu pretexto a novas manifestações de regozijo e abraços fraternais.

Aos brindes, usaram da palavra os Srs. António Ferrão, que largamente descreveu a acção dos grupos onomásticos, salientando o dos «Carlos» a quem muito «Os Antónios» devem, e, a terminar, tem palavras de verdadeiro carinho para com António Graça, que muito tem contribuído para o desenvolvimento do seu grupo, pedindo para o mesmo uma salva de palmas; e António Neto saudou a pessoa do Sr. João das Neves o Sr. Presidente da Câmara Municipal, bem como todos os «Antónios» de Guimarães, quer sejam ou não sócios do grupo, e pede para os «Antónios» falecidos um minuto de silêncio.

Pelos «Antónios» desta cidade falou o nosso amigo Sr. António Soares Barbosa de Oliveira, que agradeceu as referências feitas aos seus contrarêneos e homónimos.

O Sr. Apio Garcia que representava a rádiousão, falou sobre a formação dos grupos onomásticos, e o Sr. António do Carmo Vidal fez uma quete para os «Antónios» mais pobres de Guimarães, tendo rendido 250\$00 que foram entregues ao Sr. João das Neves para lhe dar o devido destino.

Por último falou o Sr. João das Neves, Secretário da Câmara Municipal, que agradeceu o convite dirigido à Câmara para presidir ao almoço.

Durante a tarde os «Antónios» visitaram a cidade e a Penha.

AGRADECIMENTO

Alvaro Martins da Silva, padeiro, morador no lugar da Conceição, vem por este meio tornar público o seu agradecimento ao Ex.º Sr. Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro pelo cuidado e competência que demonstrou ter, durante a grave enfermidade de que prostou um filho meu de sete anos de idade, com uma pneumonia e pleurisia.

Como não tenho outra maneira de lhe testemunhar o meu sincero agradecimento, lembrei-me fazer-lo desta maneira, do qual lhe peço desculpa.

Alvaro Martins da Silva.

Ondulação permanente a frio, é uma inovação muito recente, que

AGUIAR-CABELEIREIRO já conhece e executa superiormente.

Salão Aguiar
Telefone, 4216 — GUIMARÃES

Máquina de escrever
Vende-se uma Remington em bom estado. Informa-se nesta Redacção.

Trágico desastre de automóvel

Na madrugada de segunda-feira, quando o automóvel Cl. 13 31, pertencente ao industrial Tomás Fernandes, do lugar da Senhora da Luz, freguesia de S. Miguel de Creixomil, se dirigia de Braga para Guimarães, guiado pelo filho do proprietário Sr. Camilo Fernandes, solteiro, de 18 anos, couteleiro, ao chegar ao lugar de Caneiros, freguesia de Santa Eulália de Fermentões, deste concelho, e devido ao motorista não ter voltado convenientemente a direcção para a esquerda, visto a curva da estrada a tal obrigar, deixou galgar o veículo para uma rampa contígua, ao lado direito da estrada, na qual circulou cerca de 15 metros, indo depois embater de raspão com uma árvore, ficando a carroçaria completamente inutilizada e o chassis muito danificado.

Além do condutor, eram transportados no automóvel mais quatro passageiros: — seu irmão António Fernandes, casado, de 27 anos, couteleiro; José Francisco da Silva, solteiro, de 26 anos, industrial; José Machado, solteiro, de 24 anos, couteleiro e José Ribeiro de Moura, solteiro, de 23 anos, couteleiro, todos residentes na freguesia de S. Miguel de Creixomil.

Do embate resultou ficarem feridos os ocupantes do carro, que foram conduzidos ao Hospital da Misericórdia, onde o Camilo Fernandes chegou já cadáver.

O estado dos restantes, principalmente de José Francisco da Silva e de António Fernandes, tem inspirado cuidados.

A triste ocorrência causou muita consternação.

O funeral do Camilo Fernandes, que era muito estimado na sua freguesia e em Guimarães, realizou-se na terça-feira de manhã e constituiu uma grande manifestação de pesar, a que se associou toda a freguesia de Creixomil.

A família do desventurado moço apresentamos condolências.

Casas do Povo

Deu-nos há dias o prazer da sua visita o Sr. Dr. Francisco de Matos Gomes, Inspector das Casas do Povo, que andou a visitar aqueles organismos no nosso concelho.

Aquele distinto funcionário, que conosco conversou alguns momentos, disse-nos, a propósito da sua agradável visita e acerca da missão que está desempenhando:

«As Casas do Povo são o verdadeiro símbolo dos interesses regionais. Interpretam, e devem interpretar cada vez com maior alcance social e moral, os sentimentos e as aspirações das localidades abrangidas pela sua área.

São ainda mal vistas por indivíduos que desconhecem a solidariedade humana. Todavia o novo Estatuto que as ha-de reger e que está a ser elaborado, atribuir-lhes-á nos vos horizontes e trazer-lhes-á melhores possibilidades financeiras».

Na sua estada em Guimarães o Sr. Dr. Matos Gomes foi hóspede do nosso prezado amigo e colaborador Sr. Jerónimo de Almeida.

Gratos nos confessamos pela visita.

«O LAR FAMILIAR»

A Cooperativa «O LAR FAMILIAR» ajuda a construir, adquirir ou reconstruir, uma casa para cada associado e tem por lema ajudar todos aqueles que, possuindo mínguos recursos, albergam no seu espírito o justíssimo anseio de possuírem o seu Lar.

O associado pode obter a sua casa em qualquer ponto do Continente, pagando uma amortização que, por vezes, é muito inferior à renda devida ao senhorio e tem a vantagem de habitá-la seguidamente à sua construção, não pagando juros do dinheiro que a Cooperativa lhe abonou.

SEDE NO PORTO: Rua de Santo Ildefonso, 17-2.º — Telefone, 28003.
AGENTE NESTA CIDADE: Avilino Faria Guimarães — Telef., 4229.

VENDEM-SE 4 casas térreas, edificadas em terreno próprio para maiores edificações, em frente à Fábrica do Castanheiro. Recebem-se propostas, na Rua da Rainha, 88.

Livros & Jornais

O Regresso de Lassie — de Eric Knight.

Ao findar a leitura do «Regresso de Lassie» que acaba de enriquecer as montras das livrarias do país, não nos admira nada que se tivessem esgotado oito edições nos Estados Unidos, no curto período de dois anos. E se não fôra porque milhares de livros, alguns bem valiosos, saem anualmente dos pelros norte-americanos, ficávamos surpreendidos por terem sido precisos dois anos para esgotar as dezenas de milhar de exemplares do «Regresso de Lassie». É porque raramente chega às nossas mãos um livro de tanta beleza e de tanta originalidade como este. De facto Eric Knight não escreveu um livro vulgar. Ao traçar a última página — talvez sem dar por isso — concluiu, com a serenidade dos arquitectos medievals, ao rematarem a torre afuzelada da sua catedral, um dos poemas mais enternecedores dos tempos modernos. Enternecedor pela simplicidade que o escritor usou, enternecedor pela contextualidade, enternecedor pela moral enternecedor pelas figuras que Eric Knight arrancou às desoladas e pétreas paisagens do Yorkshire. Toda essa moral que por aí ainda em tratados e em livros piegas não vale nem se impõe com tanta verdade e tanta nudez como aquela que sai da boca do mineiro rude e honrado ao admoestar o filho:

« — E por vezes, quando um homem nada tem, é que se apega à honestidade mais do que nunca... porque é ela tudo quanto lhe resta. Pelo menos, é honesto. E é interessante isto de honestidade: é que não há dois caminhos a seguir. Há apenas um. Honestidade só honestidade. Entendes?»

Livro escrito para a juventude, tendo por figura central «Lassie», uma cadela, ele comove, distrai e faz meditar homens e mulheres de qualquer idade e condição. Posto em filme, há anos, comoveu as plateias dos quatro cantos do mundo. Agora, traduzindo para a nossa língua, vai certamente obter o êxito reservado às obras que pela sua beleza e pela sua profunda humanidade, ficam como marcos miliares a assinalar o caminho da bondade humana.

A edição é da Editorial Minerva que, mais uma vez, com este livro enternecedor, enriquece o património da literatura em língua portuguesa.

Dr. Albino dos Reis

De visita ao seu particular amigo Sr. Dr. Leopoldo Martins de Freitas, esteve nesta cidade o Sr. Dr. Albino dos Reis, Presidente da Assembleia Nacional.

Beneficência do «Notícias»

Transporte 2.500\$00
Recebemos mais para os nossos pobres:
De um casal 20\$00
A transportar 2.520\$00

Batá

Curso de Ginástica

Recomeça, na próxima terça-feira, funcionando em todas as terças e sextas-feiras, às 17 horas, no Ginásio dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, o Curso de Ginástica, para crianças de ambos os sexos, que é dirigido pela senhora D. Margarida Tamegão.

A inscrição para este Curso está aberta em todos os dias úteis na secretaria da Corporação dos B. V.

Atentos os benefícios que a Ginástica traz à saúde da criança, de esperar é que os esforços que aquela distinta professora vem fazendo há anos a esta parte, para manter o seu Curso, continuem a ser coroados do melhor êxito.

A distinta professora que teve a amabilidade de apresentar-nos os seus cumprimentos, desejamos muitas prosperidades.

Batá

LOJA DE FAZENDAS nas CALDAS DAS TAIPAS

PASSA-SE com 2 portas e 1 montra, bastante espaçosas. Tem aposentos para habitação com água e luz e pequeno quintal. 630

Tratar com José Costa — Farmácia Monteiro — CALDAS DAS TAIPAS.

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

Um filme dramático de ambiente diferente de todos os outros, com um conflito emocionante e realista:

O MEU DESTINO É O MAR

com HANS ALBERS, ILSE WERNER e HANS SOHNKER

Quarta-feira, às 21 horas:

Um apaixonante filme dramático com IMPÉRIO ARGENTINA, a mais popular vedeta do cinema espanhol

BAMBU

com: LUIZ PEÑA, SARA MONTIEL e FERNANDEZ DE CORDOVA.

Sexta-feira, às 21 horas:

CARMEN MIRANDA, a Rainha do samba, em típicos bailados brasileiros, ao lado de VIVIAN BLAINE, DENNIS O'KEEFE e MARTA STEWART na animadíssima super-produção:

SONHO DE ESTRELAS

Agentes: —
SOUSA & FERREIRA, L.ª
Largo 28 de Maio
GUIMARÃES

JOALHEIROS FABRICANTES

Ferra & Irmãos, Limitada

Com as suas instalações na Rua de Camões, 28-1.º-Dt.º, executam nas suas oficinas de maneira insuperável, com esmero e escrupulo, os mais difíceis trabalhos de Ourivesaria e Joalheria.

Se V. Ex.ª pretende possuir algum objecto do nosso FABRICO, entre outros, anéis para homem e senhora, brincos, alfinetes e broches, não deixe V. Ex.ª de visitar o nosso escritório aonde apreciará numerosos trabalhos aos melhores preços.

CAMIONAGEM
Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES TRANSITÁRIOS
JOVEMELLO & C.ª
Casa fundada em 1888
RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67
PORTO
Telefones 73 e Estado 57
CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES
Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintal

CORRESPONDENTES de:
Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:
Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão. Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS